

A sala do assessor Pécio mostra toda a pobreza da instituição que a mantém. A mesa de madeira, muito antiga embora confortável, ostenta a robustez característica dos móveis fabricados na primeira metade do século passado. O birô, como era chamado na época de sua fabricação, tem as curvas trabalhadas dos móveis feitos à mão. A cadeira tem linhas modernas e rodízios para facilitar deslocamentos. O forro do assento, outrora preto, está desbotado e a pintura das ferragens mostra riscos e manchas. Um quadro branco, moderno contrasta com a antigüidade da mesa e emoldura a parede. Serve para anotações rápidas e está totalmente limpo. Vê-se apenas uma pequena inscrição no canto superior esquerdo - Pécio - escrito com pincel de cor azul, facilmente apagável. O assessor escreveu seu próprio nome em local visível para diminuir o número de vezes que lhe perguntam: “Pécio” é com “c” ou com “s”. E ainda insistem: Tem acento no “e”? Pécio mantém a calma, mas o sangue lhe esquentou o corpo. Não admite que desconheçam a grafia do seu nome. É o mínimo que exige de conhecimento sobre sua pessoa.

Estava rascunhando um parecer qualquer quando entrou, sem bater, o delegado Prates.

- Trabalhando muito, como sempre, não é mesmo? Boa tarde Pécio - comentou o delegado que foi entrando, com passos suaves, estendendo a mão para cumprimentar o funcionário municipal.

- Boa tarde delegado, tudo bem? - respondeu ele apertando os dedos de Prates.

Pécio tem horror a apertos de mão. Jamais toma a iniciativa, esperando sempre que a outra parte o faça, torcendo para que isso não ocorra. Não cede a mão por completo para o cumprimento. Toma apenas os dedos que lhe oferecem e os toca sem aperto algum. É o típico “aperto frouxo”, um cumprimento obrigatório e sem entusiasmo. Na atividade de vendedor, estaria com a carreira comprometida, pois segundo os ensinamentos da boa psicologia de vendas, o aperto de mão inicial demonstra firmeza e transmite segurança ao negócio que está por nascer. Um vendedor sem cumprimento firme não confere credibilidade suficiente ao futuro comprador. Mas Pécio não é vendedor, é assessor do prefeito da cidade onde

nasceu. Tem orgulho da sua Pílares, embora sofra por ser natural de um lugar tão pequeno e pacato, sem progresso, inerte, um vilarejo sem perspectivas.

- Que honra receber o delegado! – Pércio mostra-se cordial.

- Vim jogar um pouco de conversa fora e saber como vai o amigo - respondeu Prates, tentando dissimular o tom interrogativo, característico da profissão.

Pércio sabe que não é uma visita de rotina. Algo tem a ver com a morte de Alceu Torquato. É uma questão de tempo, alguns minutos e o delegado começa a fazer perguntas.

A porta foi aberta bruscamente pelo prefeito. Chegou pouco tempo depois de deixar a cidade vizinha, onde acompanhava o Deputado. Como de hábito, foi despejando ordens ao subalterno.

- Liga para o palácio e pergunta para a assessoria do governador se está confirmada a minha audiência do dia dezoito. - Só então percebeu que Pércio estava acompanhado do delegado Prates. - Oh! delegado, como vai? Tudo bem?

- Tudo bem comigo. E com o prefeito, como estão as coisas?

- Tudo bem - respondeu o prefeito que voltou a dirigir o olhar a Pércio, esperando uma resposta.

- Já falei ontem mesmo. Você precisa estar lá às dez horas do dia dezoito - respondeu Pércio. - Mas deve ser rápido porque o governador tem outra audiência às dez e trinta. - Pércio foi enfático ao frisar o tempo disponível.

O prefeito deu-se por satisfeito, despediu-se do delegado e saiu como entrou: rapidamente, com o peito em pé, nariz empinado, uma autoridade!

Pércio e Prates voltaram a ficar sós.

- Você viu o Palmeiras, ontem? Meteu três no São Paulo sem fazer força - disse o delegado, tentando mostrar que gosta de futebol, fato não convincente, pois do popular esporte nada sabe e dele pouco gosta. Nem o sotaque carregado, trocando o “l” pelo “r”, o torna um torcedor do Palmeiras, que detém na cidade a simpatia de quase toda a população.

- É, mas ele ainda não jogou com o Santos. Espera um pouco e você vai ver o que é um time de futebol! - respondeu Pércio, ele sim, um apaixonado pelo Santos. Mais que isto, ele gosta mesmo de futebol. Basta citar o nome de um clube ou da seleção brasileira dos últimos trinta anos que responde com a escalação dos onze atletas principais.

- Você lembra deste timaço: Manga, Cláudio e Vacaria, Figueroa, Marinho e Batista, Falcão e ... quem era mesmo o companheiro de Falcão

em 76? Ah, sim, Falcão e Caçapava. E no ataque Valdomiro, Claudiomiro e Lula. Que time!

Se a escalação está rigorosamente correta, não tem certeza, mas a base fundamental do time ele sabe. Mesmo que seja um clube de outra cidade, como o Internacional de Porto Alegre, dos anos 70. Tem memória privilegiada.

O delegado faz um inútil comentário enquanto pensa: “Com esta memória fantástica, ele deve lembrar de fatos importantes!”

Seguiu fazendo perguntas.

- Pércio, você tem caminhado freqüentemente nos finais de tarde com aquele engenheiro que trabalha para a prefeitura. Por que vocês seguem sempre para o lado norte, por uma estrada sem pavimento e cheia de pó?

- Cheia de pó quando passa carro. O que tem bastante naquele lado da cidade é passarinho. O Francis, que mora em cidade grande, fica encantado!

- Isso mesmo, é Francis o nome do engenheiro.

O delegado finge que não conhece todas as pessoas envolvidas com a cidade e Pércio finge não entender aonde ele quer chegar. Com a paciência que lhe é característica, o assessor facilita o trabalho do visitante.

- Prates, você quer saber por que temos o hábito de ir para os lados da casa de campo do Alceu Torquato. Suas dúvidas estão em mim ou no Francis?

- Que dúvidas?

- Você está ou não investigando a morte do Alceu? - perguntou Pércio com voz suave, porém firme, fazendo ver ao delegado que ele sabe onde aquela conversa vai levá-los.

- Meu amigo, é meu dever buscar informações em todas as fontes. E as minhas não são as da biquinha - referia-se às fontes da cidade, famosas pela boa água mineral que têm. - Você também pode ser uma fonte de informações.

- Então você está mesmo investigando este crime? - A palavra crime foi posta sutilmente em lugar de morte para testar o delegado.

Pércio quer saber se Prates confirma os boatos de que o Alceu foi assassinado. Lembrou de Anail falando para o sogro, Arlindo Bonetto, enquanto baixavam o caixão: “Estão dizendo que ele não morreu do coração, coisa nenhuma. Foi morte provocada e o delegado já anda atrás do Dr. Milton para confirmar o que está no atestado de óbito”, dizia Anail. Pércio não conseguiu ouvir o que respondeu Bonetto porque o silêncio do cemitério foi quebrado por João, o bêbado da cidade: “Ladrão, mas foi um grande

homem! Ele roubou as terras do meu pai... mas foi um grande homem. Agora vai dormir para sempre. Abotoou o paletó...” Os policiais arrastaram João para fora do cemitério. Tentando desvencilhar-se, continuava gritando: “Ele foi um grande homem. Só isso, um grande homem...”

- Em que está pensando - interrompeu o delegado.

- Estava lembrando do enterro.

O delegado está em dúvida se leva adiante o diálogo com Pécio. O amigo havia entendido que a visita não era simples formalidade. Falava em crime e isto é prova da sua perspicácia. Ele percebeu claramente os objetivos da conversa.

- Você acha que a morte do Alceu foi mesmo um crime? - perguntou o delegado. Resolveu mudar de tática e usou o expediente da pergunta direta, sabendo que não pode subestimar a inteligência de Pécio.

- Se foi ou não, quem deve saber é você. Esta é a tua profissão. O que eu posso te afirmar com muita convicção é que as minhas caminhadas com Francis, nos fins de tarde, nada têm a ver com isso!

O delegado ficou surpreso, não esperava que Pécio fosse tão direto. Afinal, uma morte naquelas circunstâncias, com suspeitas de que tenha sido um crime, não é coisa que se discuta abertamente e não acontece todos os dias.

O silêncio encheu a sala por segundos. Era perceptível apenas a respiração de dois homens. O delegado esperou pela reação de Pécio. Ele sabia alguma coisa, sem dúvida. Era uma questão de tempo e a verdade surgiria. Admitia até o possível envolvimento de Pécio na morte de Alceu. As evidências começam a surgir e o delegado se questiona cada vez mais. “Por que ele se mantém sempre na defensiva quando se fala do assunto?” Apesar de sua calma característica, há uma preocupação constante com os gestos e o modo de falar. Não é mais o tranqüilo assessor de sempre. Suas palavras são meticulosamente estudadas.

- Afinal, por que você pensa tratar-se de um crime? - Pécio retomou o assunto. - O Dr. Milton declarou e assinou que houve parada cardíaca e todos sabemos que o Alceu era hipertenso e tinha o coração muito fraco, ainda assim, você acha que ele foi morto?

- São vários os motivos - respondeu o delegado. - Agora você acaba de fornecer um novo. Você está falando em parada cardíaca, mas o Dr. Milton não atestou isso. Ele falou em morte por mal súbito. Nem ele sabe direito a causa. Como você sabe?

A pergunta foi feita em estilo policial, alta, incisiva e com a certeza de que a resposta viria cheia de mentiras.

Um forte calor subiu ao rosto de Pécio e o vermelhão acentuou

mais sua calvície. O delegado aperta o assessor que agora se defende.

- Eu não disse que sei. Eu disse o que todos sabem. O Alceu sofria do coração e deve ter morrido disso!

- Sim deve, mas o Dr. Milton não teve perspicácia suficiente, apesar de todo o seu conhecimento profissional, para concluir e afirmar que os fatos aconteceram dessa forma.

- É, acho que não. Eu apenas estou admitindo. Como o Alceu tinha problemas de coração e até nem concorreu a prefeito por causa disso, como todo mundo sabe, imaginei que tenha morrido do coração. Não te parece lógico? - Pércio não fala com convicção. Suas palavras são frágeis e, por pouco, não gagueja, demonstrando muita insegurança.

O delegado interrompeu a conversa e foi embora sem explicações ou justificativas.

- Bem, preciso ir. Voltaremos a falar deste assunto. - O delegado levantou-se e estendeu a mão a Pércio.

- Até mais!

- Até mais, Prates - respondeu o assessor.

Prates saiu, cumprimentou displicentemente algumas pessoas ao passar pelo salão principal e, demonstrando preocupação, entrou no carro com duas palavras na cabeça: parada cardíaca.